



Foto: Wilson Bezerra

Na Baixa do Curuzu, as crianças enfrentam o perigo da travessia em pontes improvisadas sobre a água lamacenta dos esgotos

# Falhas no saneamento estragam beleza de residir na Liberdade

Bernardo Menezes

É comum a afirmação de que morar na Liberdade é como viver em uma cidade dentro de Salvador. Isto porque há algum tempo o bairro consolidou seu comércio próprio, criou uma identidade cultural, além, é claro, de apresentar uma diversidade de problemas característicos de uma sociedade do Terceiro Mundo. O mais grave deles é a absoluta falta de saneamento básico em comunidades que praticamente vivem implorando à prefeitura e ao governo do estado providências no sentido de garantir um bom atendimento médico, uma coleta de lixo regular e a implantação de um sistema de esgoto e pavimentação decentes.

Calcula-se que atualmente a Liberdade tenha cerca de 200 mil moradores, o que, em outras palavras, significa uma grande contingente de eleitores e pagadores de impostos. Entretanto, o volume de obras de saneamento básico, pavimentação e as iniciativas visando melhorar o lazer e a saúde da comunidade são inversamente proporcionais à quantidade de famílias lá existentes. Andando-se pelas ruas da Liberdade, é comum perceber no rosto de seus moradores a insatisfação em relação às condições de vida, como também é fácil entender que eles já estão "vacinados" contra os inflamados discursos políticos que antecedem eleições para prefeito, deputado e vereador.

## LAMA, LIXO E ESGOTO

Uma das maiores bandeiras de luta dos moradores da Liberdade é contra a existência de uma verdadeira pocilga que acumula lixo e leva esgotos das residências localizadas desde a Baixa dos Frades (Jardim São Cristóvão) até desaguar no Rio das Tripas, passando pelo Retiro. O dirigente comunitário, Gilvan Luís dos Santos, ou Peri, lembra com tristeza a morte de uma jovem de 19 anos que, no final do ano retrasado, caiu na vala durante um temporal. Seu corpo só foi encontrado dois dias depois, em Patamares. Para ter acesso às duas margens do canal, os moradores constroem precárias pontes de madeira que se estragam com o tempo e oferecem sérios riscos de vida. É o que se pode ver na Rua Nader de Jesus, localizada na Baixa do Curuzu, uma das áreas mais problemáticas do bairro.

Outra queixa dos moradores do Curuzu é quanto aos serviços oferecidos pelo posto médico lá instalado. Eles reclamam da demora de atendimento e alguns garantem que é comum faltar medicamentos de primeiros socorros. A unidade de emergência do Curuzu funciona há cerca de 18 anos e as expectativas da comunidade são de que o atual governo invista na melhoria

mento do serviço, pois no governo passado "ele estava praticamente entregue às moscas", disse um funcionário. Mas o maior problema mesmo é em relação à precária coleta de lixo em suas estreitas ruas e baixadas. Conforme explicou uma funcionária da Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador (Conder), a Liberdade é uma das maiores áreas produtoras de lixo da cidade. No início do ano, a Conder participou de um amplo trabalho de limpeza urbana, podendo constatar de perto a gravidade do problema.

## CULTURA

Num bairro onde a identidade negra é extremamente marcante, é de se esperar que as atividades de música, dança e outras manifestações encontrem terreno fértil. Em função disso, a Liberdade é considerada também um pólo de difusão da cultura negra na Bahia, pois o seu nome está automaticamente ligado às atividades do Muzenza, Ilê Aiyê e Oju Obá, três entidades que representam bem o modo de vida da população do bairro. "Durante nossos ensaios semanais, participam pessoas que necessitam de lazer, mas não têm condições de frequentar um Teatro Castro Alves, cinema ou barzinho da orla", define Janilson Rodrigues, ou Barabadá, presidente do bloco afro Muzenza, que ensaia todos os domingos na Ladeira de São Cristóvão, reunindo de três a quatro mil pessoas.

Apolônio Souza de Jesus, presidente do Oju Obá, mais conhecido como Popó, salienta a perfeita integração entre as atividades da entidade que representa e os moradores de diversas faixas etárias na Liberdade. Nascido e criado no bairro, Popó destaca a dança afro e a capoeira como duas das principais atividades dos jovens com faixa etária de sete a 20 anos. Citou ainda o Balé Primitivo da Bahia, cujos 32 integrantes já excursionaram por cidades como Olinda, São Luís, Belém do Pará, além de vários municípios do interior baiano, inclusive do recôncavo, região de forte influência africana. Ele também concorda que a Liberdade pode ser considerada uma cidade dentro da cidade, tanto em termos de comércio como no aspecto cultural. Além de ter também um Carnaval próprio, a Liberdade valoriza bastante outra forte manifestação popular que é o São João, colocando na rua grupos de samba como Clarão da Manhã, Arte de Negro, Negro e Cia. e outros. Mas o lazer do morador da Liberdade poderia ser mais incrementado se ainda funcionassem os cines São Jorge (na Rua Lima e Silva) e São Caetano (no Largo do Tanque), hoje transformados em lojas de eletrodomésticos. A expectativa é que o Cine Brasil, desativado há mais de sete anos, volte a funcionar o quanto antes.



Foto: Wilson Bezerra

A Feira do Japão é um dos símbolos — e problema — da Liberdade

## COMÉRCIO

Principal artéria do bairro, a Rua Lima e Silva tem mais de 200 lojas que empregam um grande contingente de moradores do próprio bairro, segundo informou Paulo Araújo, presidente da Associação dos Comerciantes do Bairro da Liberdade. Dona de um variado comércio informal, inclusive da famosa Feira do Japão, a Liberdade abriga também magazines de porte, além de dois grandes supermercados. Além desses dois pontos de abastecimento, o

morador do bairro encontra uma série de mercados que vendem produtos em geral. "O bom aqui no bairro é que muitos de nós não precisam ir para outras áreas da cidade trabalhar", disse Valdimira Pontes dos Santos, repositora de mercadorias da loja Paes Mendonça, localizada na entrada do Curuzu. Antes de ir para lá, Valdimira já havia trabalhado em uma sapataria e três lojas de roupas da Rua Lima e Silva. As oito agências bancárias da Lima e Silva também contribuem para facilitar a vida dos moradores e comerciantes locais.